

CORPO E SEXUALIDADE NA CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE

Augusto Radde¹

APRESENTANDO A REFLEXÃO...

De um modo geral, o corpo é uma noção que perpassa o imaginário social de uma maneira a que sobre ele recaem várias questões as quais dizem respeito ao funcionamento dos sujeitos em uma sociedade. Aspectos como sexualidade, religiosidade, moralidade, consumo, estética, por exemplo, se organizam de modo a conduzir os corpos por entre a história, levando os indivíduos a comportamentos os quais demonstram a liberdade e o controle que, simultaneamente, os constituem na sociedade contemporânea. Nesse sentido, o corpo na prostituição surge como um lugar produtivo de análise para que pensemos a questão da sexualidade, a partir de uma relação que permita que a consideremos como determinante ao funcionamento do sujeito no discurso.

A prostituição, enquanto prática de sujeitos a serviço do consumo que rege o imaginário na contemporaneidade, constituído sob a ideologia capitalista, coloca em cena o corpo como sexuado, em sua relação com o biológico, enquanto confere a ele o estatuto de um lugar afetado pela ideologia, em seu aspecto social, já que ele é utilizado para uma prática específica e por um grupo social específico. Tais considerações articulam o corpo às questões mencionadas no parágrafo anterior de forma bastante intensa, ou seja, se utilizado como um objeto de trabalho, a sexualidade a ele inerente passa a funcionar de modo singular, causando diversidade de opiniões e diferentes maneiras de controlá-lo. No espaço da prostituição, o corpo passa a significar ruptura com os padrões sociais pré-estabelecidos – enquanto lugar de um sujeito que resiste às imposições culturais – ao passo que alguns aspectos desse controle, dissimulado sob o discurso da liberdade sexual, o mantêm grudado a noções de ordem moralista e, portanto,

¹ Doutorando em Letras (UFRGS), Mestre em Letras (UFRGS) e Professor de Pós-graduação (UNIRITTER), é membro do grupo de pesquisa em Análise de Discurso “Oficinas de AD: conceitos em movimento”, vinculado ao PPGLet da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

conservadora. Em tempos de um ainda vigente machismo, a prostituição masculina, e seus discursos, figura como um atenuante dessa contradição.

O CORPO EM DISCURSO

O antropólogo Néstor Perlonguer (2008) apresenta uma valiosa descrição etnográfica acerca dos aspectos sociais que envolvem a prostituição masculina. O autor passa por aspectos extremamente relevantes que compõem essa atmosfera marginalizada culturalmente que configura o trabalho sexual do corpo. De acordo com sua leitura, o discurso dos garotos de programa, os quais são chamados por ele de *michê*, e do corpo sexuado que eles conduzem como instrumento de trabalho na profissão, apresenta sentidos que remetem a um imaginário social que os coloca em condição de objeto sexual caracterizado pela virilidade. Ou seja: como um modo de não se manterem tão distantes da ordem social, ao passo que rompem com padrões morais no que tange à sexualidade, algo em seu discurso, e ao que parece em sua prática, visa manter a relação de dominação e dominado, aos moldes da estrutura hierárquica que configura o modo de relações por classes, as quais conduzem as práticas sociais ao longo da história.

Ao trazer questões sócio-econômicas e de gênero, através de uma comparação com a prostituição feminina, o autor apresenta uma reflexão acerca da busca pela manutenção da masculinidade no negócio das práticas realizadas na prostituição masculina, mesmo quando, o que aparece como a parte mais rentável do negócio, o serviço é oferecido a outro homem. Ele diz o seguinte:

Consequentemente, se no caso da prostituição feminina a 'exploração' da mulher é explícita no discurso dominante, no negócio do *michê* a superioridade socioeconômica do cliente comprador pode aparecer, até certo ponto, 'compensada' pela valorização do *michê* másculo em detrimento da inferiorização do cliente 'bicha'. (p.46-47, grifos do autor).

Podemos perceber nessa citação, bem como na leitura de enunciados dos *michês*, recolhidos por Perlonguer e apresentados em seu trabalho, a busca por uma organização hierárquica nas práticas da prostituição, a fim de aproximar o profissional do sexo do imaginário que constitui a estrutura social contemporânea,

em que a relação de dominação organiza-se em torno de fatores econômicos e de gênero, os quais mantêm o imaginário social mergulhado no machismo. Sob a ordem da ideologia capitalista, a prostituição masculina emerge como o funcionamento de uma prática que visa interligar intimamente o trabalho e o desejo, permitindo perceber o corpo e a sexualidade do corpo como fatores determinantes na formação das subjetividades contemporâneas.

O corpo, desse modo, passa a ser considerado um objeto teórico, na sua relação intrínseca com a língua, enquanto base material para o discurso (superfície linguística), e com a ideologia, enquanto reguladora dos objetos que se materializam, na condição de discurso, na materialidade da língua, a partir de condições de produção estáveis e homogêneas (processo discursivo). Configurado como objeto discursivo, o corpo constitui-se como um lugar de efeito – o qual comporta, também, o efeito do sujeito do discurso – ao assumir a característica de estar transitando simultaneamente entre língua e ideologia. Retomo Leandro Ferreira (2011) quando ela define o funcionamento do corpo na Análise do Discurso:

O objeto a ser analisado é, então, o corpo tomado como materialidade discursiva que se constrói pelo discurso, se configura em torno de limites e se submete à irrupção da falha que lhe é constitutiva. Para trabalhar com esse objeto será trazido ao campo discursivo uma categoria que procede da psicanálise, que é o real do corpo. A exemplo do que singulariza o registro do real, o real do corpo vem a ser é o que sempre falta, o que retorna, o que resiste a ser simbolizado, o impossível que sem cessar subsiste. (p.95, destaque da autora).

No início de sua trajetória teórica (AAD69), Pêcheux já nos aponta elementos fundamentais a uma interpretação não subjetiva dos fatos, quando fala que para que percebamos os funcionamentos discursivos, devemos levar em consideração as *condições de produção* do discurso. A partir do modelo comunicacional de Jakobson, o autor nos apresenta o discurso como *efeito de sentidos* entre pontos A e B, reconfigurando a trajetória de Jakobson, que previu a comunicação como simples transmissão de informação entre interlocutores envolvidos nesse esquema de comunicação. A e B representam, desse modo, posições ideológicas, a partir de lugares sociais produzidos em uma *formação social* específica, como lugares que

permitem vislumbrar a *luta de classes* que subjaz ao discurso, e que se materializa, enquanto ideologia(s), nos discursos.

Como consequência dessa reflexão teórica, todo processo discursivo coloca em jogo esses lugares, condicionados a partir de um imaginário subordinado a uma ideologia dominante, que configura uma formação social específica, e de uma *relação de forças* antagônicas que permite a *antecipação* dos sentidos em determinada posição no embate com outra posição. Fato através do qual a relação entre A e B materializa-se nos processos discursivos a partir de *formações imaginárias*, as quais seriam, reforçando, inerentes a todo funcionamento discursivo. Com base em Pêcheux, essa relação da ordem do imaginário configura o traço da incompletude do sentido, afastando a objetividade (racional) do sentido e permitindo ver o lugar representado na materialidade linguística como um efeito, intrinsecamente relacionado à materialidade histórica desse lugar, que, nas palavras do autor,

[...] se encontra aí representado, isto é, presente, *mas transformado*; em outros termos, o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. (PÊCHEUX, 2010, p. 81, grifos do autor).

Nesse sentido, trabalhar com o corpo na perspectiva discursiva requer uma escuta desses processos discursivos que se imbricam no imaginário social, a fim de que se possa vislumbrar um modo de funcionamento da subjetividade contemporânea quando se fala em sexualidade.

A SEXUALIDADE DO CORPO NO IMAGINÁRIO SOCIAL

O corpo do garoto de programa está a serviço de um imaginário impregnado pelas leis mercadológicas, já que ele aparece sempre relacionado com o retorno financeiro, assim como a um objeto de consumo destinado à realização de satisfação sexual dos clientes. Desse modo, quando em discurso, ele abriga um sujeito que está à margem da sociedade e que tenta, imaginariamente, dar conta do sentido naquilo que é discursivizado. Ou seja: antecipando a imagem que seu

interlocutor faz de si, o garoto de programa traz seu corpo para o discurso a fim de manter uma imagem que esteja de acordo com os padrões estabelecidos na nossa cultura.

Tudo parece funcionar como se a relação entre A e B, de que nos falava Pêcheux, fosse estabelecida entre ele, o que prostitui o corpo, e a sociedade como um todo, vítima de resquílios ideológicos que remontam a épocas em que se falar de sexualidade ainda era um grande tabu – tempos que talvez coincidam com a atualidade. Nas condições de produção em que ocorrem os processos discursivos dos GP's, os lugares A e B são ocupados, respectivamente, por eles e pela sociedade conservadora, como foi dito, a qual traz traços ideológicos e culturais de outros tempos, tempos em que a formação social que impunha a forma sujeito histórica era a religiosa, propagadora da ideologia cristã. A culpa aparece como não dito no seu discurso, antecipando a imagem moralista dirigida a ele pela sociedade preconceituosa.

Sendo assim, na conjuntura social fragmentada em que o sujeito se encontra, onde aparece a perda de referência a uma figura centralizadora de referência, característica da cultura pós-moderna, o que se vê é a tentativa de simbolizar a partir de um imaginário que remete a todo momento a outras condições sócio-históricas de produção do discurso, que não a atual. Isso mostra o quão frágeis são as fronteiras ideológicas, fato que contribui para que a cultura assuma o caráter da *ambivalência* (BAUMAN, 2012), ao passo que evidencia a heterogeneidade constitutiva das *formações discursivas* em seu interior e em sua relação com o exterior, o que torna o espaço para a subjetivação mais eficaz, para que haja a resistência do sujeito.

Vejamos um pouco do funcionamento dos sentidos sobre a sexualidade do corpo no discurso dos garotos de programa, a partir das duas sequências que seguem:

SD1 - *No primeiro mês do Ferrari eu ganhei 16 mil reais. 16 vezes mais. Tinha dias que voltava pra casa com mil no bolso, ou mais. O que eu ganhava em um mês, passei a ganhar em um dia. Sabe o que isso faz na cabeça de uma pessoa? Exatamente isso que você está pensando.*

SD2 - *Transar com uma pessoa do mesmo sexo nunca esteve nos meus planos, mas encarei com profissionalismo. A necessidade faz o homem.*

A prostituição por si só, como prática sexual, já coloca o corpo a ser visto socialmente. E isso é marcado no discurso dos garotos de programa, já que eles rompem com o institucionalizado ao falarem abertamente sobre sexo, ao assumirem um corpo sexuado, marcando seu discurso com uma linguagem crua e despida de pudores. No entanto, chamam atenção algumas construções linguísticas que apontam para uma dualidade entre “a liberdade de” e a “repressão por” eles serem sujeitos marginalizados socialmente, o que coloca a mostra a relação intrínseca entre língua e ideologia nos processos discursivos e permite ver a fragmentação identitária do sujeito. Vemos a movência do sujeito entre o dito e o não dito, já que a “[...] institucionalização do discurso sobre o sexo significa que pode ser falado, mas sob restritas condições e sob determinadas formas, ‘as permitidas’”. (ERNST, 2007, p. 138, grifos da autora)

Em *SD1*, percebemos um aparente distanciamento do sujeito que enuncia em relação à forma-sujeito da formação discursiva (FD) da prostituição. Através do uso da contração **do**, o que se vê é a tentativa de evidenciar uma divisão, a qual coloca aquele que diz em posição diferente daquele que pratica a prostituição, ou seja, é como se houvesse uma personagem da prostituição, **o Ferrari**, uma terceira pessoa; enquanto o que segue mantém-se, sob o efeito de evidência, ligado ao saberes dessa FD que reproduz a ideologia de mercado. O que lemos é o tão esperado retorno financeiro, que mantém o sujeito e o corpo em consonância com o objetivo do consumismo.

O que aparece é uma posição-sujeito que apresenta uma identificação com os saberes da FD da prostituição, imediatamente dominada por formações ideológicas e culturais capitalistas, apesar de esse distanciamento marcar o início da sequência. Tal distanciamento refere-se a uma antecipação do locutor em relação ao que sobre ele pensa o seu interlocutor, a partir de sentidos cristalizados historicamente no imaginário social – a respeito da prostituição. E marca, ainda, a contradição do sujeito no discurso.

Em *SD2*, há uma aparente liberdade em falar de sexualidade, motivada pelo que escapa do recalque e retorna no discurso, que logo é justificada como

necessidade, relativa à profissão. Transar com outro homem torna-se a marca de um *profissionalismo*, mantendo o sujeito que enuncia em acordo com o que determina a aparente estabilidade dos sentidos da FD em questão, a qual coloca, como foi dito, a prostituição a serviço do consumo do corpo, da ideologia de mercado.

O uso do conector contrastivo **mas** introduz um novo sentido que se opõe ao que é dito na primeira oração, o qual aparece marcado linguisticamente pelo advérbio de negação **nunca**. O que se vê, então, é uma relação de contradição entre posições sujeito no interior da FD, possibilitando uma contra-identificação do sujeito com os saberes que o dominam. Ele nega o desejo, marcado através da relação homossexual, para justificar, como foi dito, o trabalho árduo do corpo em prol da necessidade de sobrevivência pelo trabalho numa formação social capitalista. Essa negação, como foi percebido em outras sequências, constitui os saberes dominantes da forma-sujeito dessa FD da prostituição, o que me leva a leitura de que não há um antagonismo entre essas posições, mas sim a contradição, a qual faz com que, pelo viés da contra-identificação, elas convivam afetando uma a outra numa constante tensão no interior dessa FD.

No enunciado dividido², marcado linguisticamente pelo **mas**, convivem (des)harmoniosamente a PS1 e a PS2, representadas na segunda e primeira oração, respectivamente. Uma divisão ocorre também no interior da PS2, já que, marcada pelo advérbio de negação, ela se vê bastante afetada pela PS1, ou seja, ela mantém-se no domínio do público se opondo ao sentido dominante do privado, que, permitido no espaço da prostituição, usa dos prazeres do corpo numa relação com outro homem. A oposição e a negação funcionam tanto no nível da relação entre as posições sujeito como no próprio interior de uma delas, caracterizando a resistência do sujeito, dividido por entre a fragmentação da forma-sujeito, o qual mantém-se, mesmo que se distanciando em PS2, ligado aos saberes dessa FD. O léxico **necessidade** confirma, com ênfase, nesse sentido, a identificação de PS1, mantendo a ilusão evidente do sujeito de que o trabalho com o corpo funciona tão somente pelo viés mercadológico.

² Conforme teorizado por Courtine (1981).

É possível verificar, ainda, a questão da virilidade, como marca do discurso do sujeito da prostituição, aspecto que o leva a manter-se, apesar de numa posição social marginal, menos distante do centro. Apesar de aparecer também marcada pela PS2, a virilidade emerge como forma de manter o sujeito no âmbito do público, aceito pelos padrões que regem o corpo, funcionamento que vai ao encontro dos saberes dominantes na PS1, permitindo ver, mais uma vez, a tensão entre essas posições que convivem na FD.

POR ORA, UMA REFLEXÃO FINAL...

Essa dualidade entre o prazer e o mercado, característica predominante no discurso da prostituição masculina, aparece na tentativa de manter características da masculinidade desse sujeito social, de modo que, apenas na profissão, e pela profissão, o escape do desejo possa emergir, de modo que se constitua o “duplo aspecto da prostituição viril – fuga libidinal, por um lado; proliferação de dispositivos de controle, por outro (...)”. (PERLONGUER, 2008, p. 250). Vemos um discurso do corpo, e sobre a sexualidade do corpo, que funciona como um lugar de efeito, o qual possibilita ao sujeito uma transitoriedade que marca a cada dizer – e a cada não dizer – modos de subjetivação específicos. Traço da opacidade e da incompletude que constituem a língua, a ideologia, o sujeito e, do mesmo modo, o corpo.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. *Ensaio Sobre o Conceito de Cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- ERNST, A. Corpo, discurso e subjetividade. In: INDURSKY, F.; LEANDRO FERREIRA, M. C. (Orgs.). *Análise do Discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Claraluz, 2007, p. 135-44.
- FERRARI, G. *Gabriel e sua Ferrari*. Disponível em: <<http://gabrielesuaFerrari.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 10 nov. 2012, 20h30.
- LEANDRO FERREIRA, M. C. O discurso do Corpo. In: SANSEVERINO & MITTMANN (orgs.). *Trilhas de investigação: A pesquisa no I.L. em sua diversidade constitutiva*. Porto Alegre, Instituto de Letras/UFRGS, 2011, p. 89-102.

PECHÊUX, M. (1969). Análise automática do discurso (AAD69). In: GADET & HAK (orgs.). *Por Uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 4. ed. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas/SP: Unicamp, 2010, p.59-158.

PERLONGHER, Nestor. *O Negócio do Michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.